

# A TINA AFLITA

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



**A** Tina não tem tino. Coisas que se dizem e se espalham, sem quê nem porquê. Serão verdade? Serão mentira? Eu cá não respondo.

Sucedeu, uma vez, que a Tina, acabada de chegar da escola, ainda afogueada da corrida, recebeu da mãe esta incumbência:

– Vai, se fazes favor, buscar a tua irmã a casa da avó.

– Levo o carrinho? – perguntou a Tina, que gostava de guiar cadeirinhas de bebé.

A mãe disse que sim e a Tina desarvorou, empurrando o carrinho, que ia leve, muito leve, como se imagina.

Não era grande a distância. A Tina pôs-se num instante em casa da avó. Pegou na irmãzinha, que palrava e ria, contente com a viagem que a esperava e voltou pelo mesmo caminho.

Ao passar por um jardim, umas amigas da Tina desafiaram-na para o jogo do apanha. Convite irresistível.

A Tina colocou a cadeirinha com a bebé à sombra de uma grande piteira e foi brincar. Até que se fartou.

Suada e cansada, voltou ao sítio onde deixara a bebé. Sentiu um baque no coração. A irmã? Onde estava a irmã?

Nem bebé nem cadeira de bebé. Muito aflita, pôs-se a chamar:

– Filipa! Filipa! – como se a bebé soubesse responder-lhe.

Olhou em volta e viu, lá adiante, uma senhora apressada, a empurrar uma cadeirinha. Levava-lhe a irmã, a grande ladra. Patifa.

Correu, correu e quando chegou perto da senhora, agarrou-lhe a aba do casaco e gritou:

– A minha irmã. Dê-me a minha irmã.

A senhora também gritou, a desembaraçar-se daquela miúda desgrenhada, que não se despegava dela.

Na cadeira de bebé, um garotinho de olhos espantados a tudo assistia. Quando percebeu o engano, a Tina fugiu, sem saber como pedir desculpa.

Percorreu o jardim de ponta a ponta. Chorava. Por situações destas ninguém queira passar.

Um guarda apercebeu-se do desespero da mocinha e quis inteirar-se da causa.

– Roubaram-me a irmã – contou a Tina, desfeita em lágrimas.

– Onde? – perguntou o guarda.

A Tina indicou. Voltaram para junto da piteira e, efectivamente, do carrinho e da bebé nem rastos.

– Mas há outra piteira igual, mais adiante – apontou o guarda.

Foram ver. Lá estava a Filipa, tranquilamente a dormir, na cadeirinha. Afinal, a Tina tinha confundido as piteiras, ambas grandes, ambas da mesma cor, ambas com asas de dragão. A cadeirinha nunca tinha saído do mesmo sítio. Ninguém raptara a bebé.

A Tina abraçou-se à irmã, a chorar. A bebé sentiu-se apertada e também chorou. Até o senhor guarda se comoveu.

Por mais anos que viva, por mais tino que ganhe, a Tina nunca mais vai esquecer-se do que naquela tarde lhe aconteceu.

FIM